

OCCIDENTE

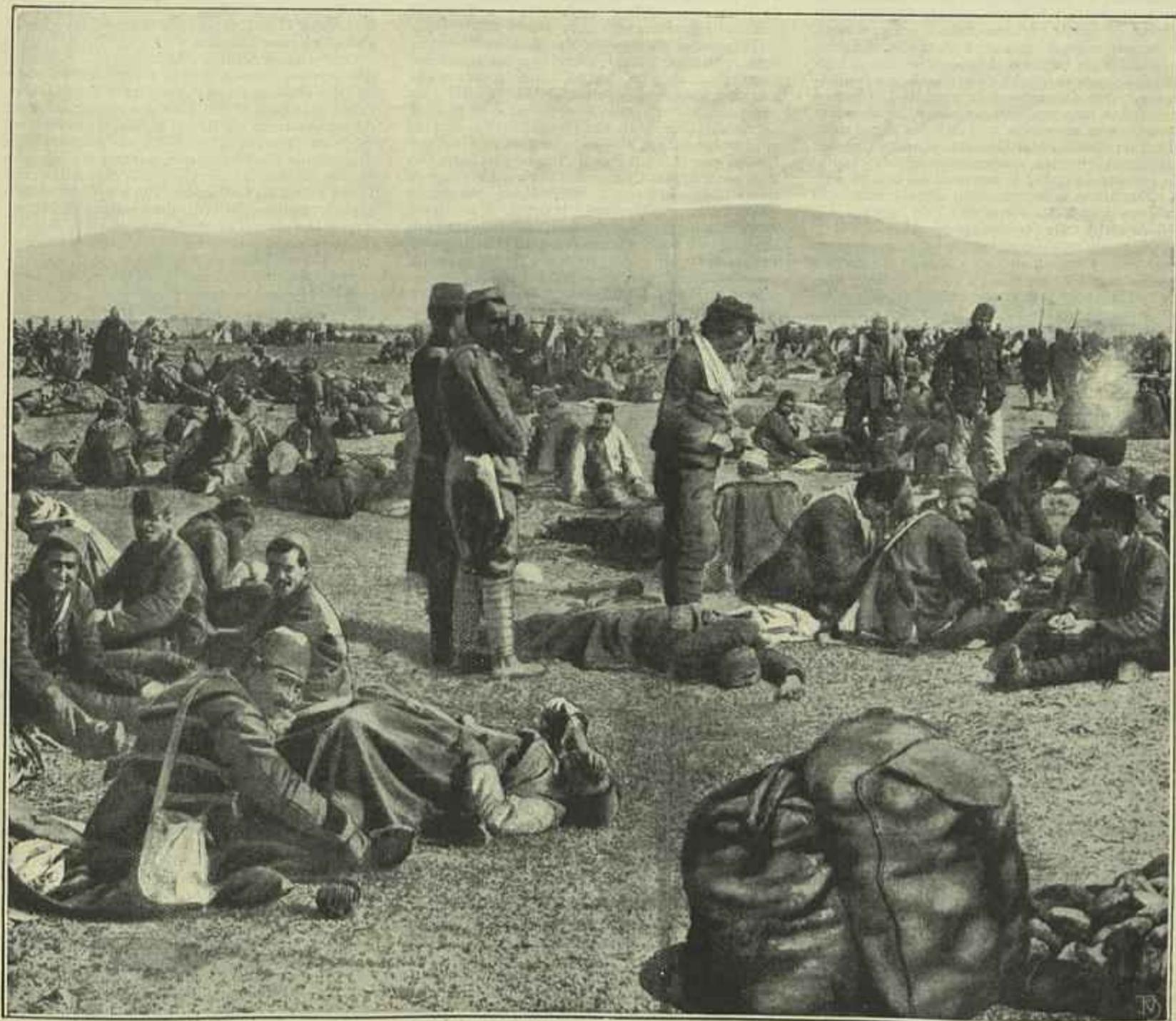
REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega	36.º Anno — XXXV Volume — N.º 1219	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$800	600	120	10 de Novembro de 1912	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possesões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	600	120		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	600	120		



A GUERRA DOS BALKANS



UM ACAMPAMENTO DE PRISIONEIRO TURCOS, EM THRACIA

CRONICA OCCIDENTAL

Deliciosos dias de outono! Ceu de magia — ceu de encantamentos — ceu de Portugal! Um vento brando cicia, segreda, paira em extases de ternura, tem dedos velutinosos que nos acariciam meigamente a fronte e os cabelos, possui subtilezas felinas que escondem garras que, a subitas, nos despertam e arripiam, para redobrar, em breve, de docuras volutuosas.

Ceu de encantos — ceu de Portugal!

Ha formas de bayadeiras, nos horizontes largos, e cantam, no silencio, em surdina longinqua, ritmando rondas languidas, uma linda canção de movimento e cor, sensual e mistica.

Os nossos olhos elevam-se e enlevam-se no sonho duma esperança aliada.

A alma tem soluços amorosos e ancias calmas de ondinas que se espreguizam.

No ar ambiente escorrem fluidos venenosos que nos filtram, pouco a pouco, vagamente, no coração uma modorra amolecente e incoercível.

De noite, a viração é mais subtilmente fria.

A horas-mortas, pelas vielas esconsas, o fadinho geme no coração das guitarras, soluçado, choradinho e repenicado. Um transeunte noctambulo calcurreia, a passos leves, a calçada, trauteando uma cançoneta de revista do ano em voga.

Sim, o fadinho e a revistinha do ano são indispensaveis nesta quadra deliciosa.

Batalhões femininos, movem-se, aqui e ali, importunando este e aquele, empregatarios, revisteiros e actores já sabidos, na deleitosa ancia de mostrarem ao publico espectante e baboso, em farça revisteira e brêgeira, aos clarões das gambiarras, os pernis enchumacados e seios rebolões. Sentem-se e conhecem-se a distancia. Exalam escandalos de mencies sediciosos e exibem uma carinha pouca-vergonha de sercia, borrada pifamente, junto ás pestanas de morrões de fósforos amorfos, e emporcalhada de rouge, ao alto dum pescoco que se estorce na fobia das aguas morbidas da Companhia. Decerto, sabem os nossos carissimos leitores o que se entende pela chamada «revista do ano»? É um pratinho bem picante e apimentado e sempre bem acondicionado ás guelmas sófregas das alminhas cá do burgo.

Tais teatros são ferozmente concorridos.

Ali, se alberga e congloba, por um conluio taito, toda a rufiagem catita e toda a rufiagem suja da capital.

Conceda a grande tragica Mimi Agublia a esmola dumas breves recitas á capital e o empresario lamuriento terá de abandonar grande numero de logares aos favorecidos e *claqueurs* e ao repouso acomodado dos mosquitos da noite.

Jamais terão — estejam certos — tão desesperadas probabilidades de fiasco, a boçal corista Januária Fifa e a complacente discipula Maria Rebolona. Estejam certos disso!

Enfleira-se no palco, uma duzia de coristas de carnes amolentadas e tresnoitadas, e ali esgalgam e esvozeiam uma lêtra canalha amparada de gestos corroborantes, para maior gaudio dos namorados e protectores que acompanham a ingenua cançoneta a som de assobio e compasso de tacão.

Aparece, de onde em onde, entre esta chustma jovial de femeas-aranhas insolentes, certa petiza, chegada ha pouco, da provincia, recomendada por algum amante pretendente ou enfasiado, com timidês no olhar, acanhamento nos gestos, irresolução no porte... É logo apontada a riso pelas companheiras ladinas, empurram-na nas cabriolas obscenas da dança, abandonam-a espectantes e ribentes nos seus passos mais dificeis. Medem-lhe os gestos, notam-lhe tics comicos, repetem com brêgeirice as suas palavras, revistam-lhe a roupa branca, e se camarada sabida lhe diz coisas-feias e algum actor malandro a fita com mais appetite, a estreita com mais ligeireza e lhe faz propostas mais fervorosas e a inocente rapariguinha se magõa e protesta, logo o empresario se assoma presto e lhe diz risonhamente irritado:

— Irra, menina! Julga que está no colegio?...

— Olhem a Casta-Suzana... — corrobora com ironia marõta o maestro.

É assim. É angelica menina, em breves dias, se transforma no maior e mais desaforado e clinico dos diabretes. É assim.

No entanto — este facto succede rarisimas vezes. Quasi sempre as graciosas raparigas vão generosamente dispostas a fazer com presteza e gentileza em scena *tudo e mais* que costumam liberalmente fazer nos quartos particulares dos *cabarets*, na coroação dos jantares sem ostras, certamente, mas com vinho baratinho do José Maria dos Santos.

E — concordem — as ingenuas meninas causam lástima!

Ganham o estritamente necessario para não morrerem de fome — de quatro a oito tostões diarios, pouco mais ou menos.

Este dinheirinho é ajuntado num mealheiro muito cauteloso; pois dele deve-se á tirar para meias, sapatinhos, fitas e *bonets* e o mais do *costumier* scenico — não contando já com as exigencias catitas da *TOILETTE* habitual. Causam, na verdade, lastima!

E — cuidado! — lá andam a espreitar por aqui e por ali, com olhos reforçados, não possam talvez ainda raspar-lhes do ordenado mensal alguns enferujados e miseraveis cobres...

Recordem a tabela...

Esbofam-se e esfaflam-se e rasgam as gargantas enrouquecidas, em guinchos e cabriolas, de manhã, das onze ás quatorze horas, no ensaio, e das vinte ás vinte e quatro, no espetaculo. Pois chegam dois minutos mais tarde, por descuido ou necessidade? Multa!

Sorriram mais significativamente ao seu protector ou namorado? Multa!

Vestiram-se menos inconvenientemente? Multa! Multa, sempre multa!

Estranha e divertida exploração!

Exploração! Escravidura branca!

Miseria dourada! Ah!

E era sob estas bonitas e eficazes palavras que eu iria expôr e desenvolver um longo e filosofico arrazoado, se o garotê dos jornais — simpatico *gavroche* de esquina — me não andasse a allear a minha dormente curiosidade com o seu pregão sugestivo e percuciente. Que lamentosa situação, a conjuntura sombria e fatal desse leão velhõro de juba encanecida e apodrecida — a Turquia!

E os bulgaros avançam...

Os seus olhos agudos de chacaes vêem na treva, perfuram a noite, e acobertados astuciosamente em trapos de sombra, caminham com pés macios e preparam o pulo e agilmente saltam na garupa do turco matuto — velho rei estremunhado no seu dominio de sono e sonho. E os aliados porflam, sediciam, alíciam, enredam e avançam e tomam posições e hontem Adrianopla, hoje Salonica e amanhã Constantinopla e a Catedral de Santa Sofia erguer-se á em estatua gigantesca e animada de recolhimento e bençam.

As suas naves reboarão longamente num côro de graças e bemditos e o fumo do incenso restituirá á vida plena as figurinhas graceis, prêsas de encanto á penumbra religiosa daquele templo.

Mas a Turquia, sentindo bem e bem atrozmente quão desesperada é a sua situação, num arranço funebre de heroismo, ante as potencias cruelmente silenciosas, optimisa em voz alta e arroja ao ultimo sacrificio vidas e riquezas. Cruel mas heroica resolução!

E a diplomacia cala, combina e resolve na frieza do seu egoismo inexoravel...

Quais as consequencias ultimas da guerra?

Terá agora realisação a pavorosa profecia duma conflagração universal?

O egoismo sancho-pança, realista e caseiro — cremos — dominará tudo e enfreiará os mais rasgados e au-laciosos calculos.

Será iluminada a fogos rubros a matreira questão das *compensações*?

De gabinete diplomatico, nenhuma voz se levante resmungante e ameaçadora! Que essa voz seria fogo que rapidamente ateiaría o rastilho que mina e corroe latente a engrenagem mundial.

E nós — portuguezinhos valentes — como poderíamos tomar quinhão de discussão nesse assunto do maximo interesse pelo que directamente se liga com a nossa momentosa e sempre interessante questão colonial?...

Nós continuamos a vegetar e a refestelar nos deliciosamente no mais grosseiro dos feiticistas sentimentalismos politicos. Sob o nosso gloriosissimo ceu — dae-nos guitarra para modular, a horas-mortas, um fadinho lamuriento, o espectáculo duma revista do-ano com pernas gordanchudas e seios rebolões ou duma briga de navalha, entre marujos e rufiões na area de alguma baiuca porca, dai-nos um charlatão, num canto de praça, olhos em alvo e bigodões recalitrantes — e seremos contentes!

De resto, as nossas colonias são brutalmente administradas, o nosso capital estupidamente utilizado, e a nossa emigração dos ultimos anos cresce e cresce, esbracejante, faminta, de mãos ergidas e olhos de terrõr, ilusionados num sonho fementido de Além-Mar.

Falta nos persistencia pratica e senso de conduta.

Nascemos e morremos aventureiros malucos da bruma e da fantasia.

ANTONIO COBEIRA.

PELO MUNDO FÓRA

Notas d'um curioso

A guerra nos Balkans

Já vão decorridas tres semanas depois do inicio d'esta enorme serie de combates, em que a Humanidade soffre terrivel choque, aniquilando-se milhões de vidas e desbaratando-se grandes riquezas, que muito custaram ao povo, eterno sofredor de suas infinitas ambições por um ideal de liberdade, jámais attingivel, o que não quer dizer que, nestes sacrificios constantes, tendentes á conquista de direitos, e á fruição de liberdades, a Humanidade não alcance melhora de bem estar.

D'essa lucta de povos esforçando-se ingentemente para quebrar seculares grilhões, é exemplo fulgente esse sympathico movimento das nações da Liga Balkanica, que, unidas num accordo firme, dictado por uma causa justissima, vão levando de vencida o colosso turco, desdenhoso das reclamações e dos protestos d'aquelles que elle suppunha incapazes de tão assombrosa lucta.

Como já dissemos, os montenegrinos foram os primeiros a declarar a guerra á Turquia, atacando immediatamente Podgoritza, Berana, Tuzi, Delchich, Schipcanik, Roganno, Tarabult, Gussinje, Plaza, Tabarosch, que occuparam, continuando ainda o cerco de Scutari.

Os servios avançaram sob o commando do principe herdeiro, apossando-se successivamente de Prichtina, Sienitza, Podonicvo, Kumanovo, Nevrenko, Uskub, Kuprulu e Mitrovitza, seguindo a marcha para Salonica.

Ora, tendo Prichtina e Uskub cahido nas mãos dos servios, estes acham-se finalmente na posse do paiz classico da sua grandeza e das suas gloriosas tradições. Prichtina foi a primeira capital do antigo reino da Servia e do seu primeiro rei *Stephan Nemanya*, fundador no seculo xii, da dynastia de *Nemanitch* que, durante mais de dois seculos, reinou na Servia e a fez uma das mais fortes potencias balkanicas. Foi em *Uskub* (*Sko-plye*) que no seculo xiv o descendente de *Nemanya* — *Douchan o Forte* — se proclamou e se fez coroar «czar dos servios, dos bulgaros e dos gregos.» Foi na planicie de *Kossovo*, perto de Prichtina, que, a 15 de junho de 1389, se deu a batalha grandiosa e epica de *Kossovo*, onde morreu a flôr da nação servia, afogando-se num mar de sangue a liberdade e a independencia da Velha Servia. Ali ficaram o vencedor, o sultão *Murad I*, e o vencido, *Lazaro*, o ultimo rei da Servia.

Passados quinhentos e vinte e tres annos, apparecem de novo na planicie de *Kossovo* as armas servias, mensageiras da liberdade de seus irmãos de soffrimento e de escravidão! Apoz o grito retumbante de liberdade, todos se encaminham para a velha igreja de *Gracanitza*, onde celebram um *Té-Deum* pela victoria alcançada e pela liberdade conquistada, indo depois inclinarem-se perante os tumulos do sultão *Murad* e do rei *Lazaro*, como signal de veneração pelo martyr, e como homenagem cavalheiresca do vencedor de *Kossovo*!

As hostilidades dos gregos contra os turcos começaram, já o dissemos, pela annexação da ilha de *Creta* á *Grecia*, seguindo-se a tomada de *Elassona* e o bloqueio de *Prevetza*. Marchando a leste do territorio turco, o exercito grego seguiu sobre *Janina*, ao passo que a esquadra, operando no mar *Egeu*, realizou a occupação das ilhas de *Lenos*, *Thasos*, *Imbros* e *Santothracia*. Na *Thessalia*, estão senhores dos desfiladeiros de *Tripotamos*, que eram a chave de *Verria*, estação da linha de *Monastir*, a *Salonica*, a segunda cidade do imperio ottomano, com 130.000 habitantes, na maioria gregos, importante porto commercial, ha muito o objectivo das ambições conquistadoras da *Austria*.

A cidade de *Yenidje*, no *vilayete* de *Salonica*, cahiu já em poder dos hellenos.

Os bulgaros fizeram a declaração de guerra ao mesmo tempo que a *Grecia* e a *Servia*, apossando-se logo de *Mustafá-Pachá*, hoje *Fernandino*, e atacando immediatamente *Kirk-Kilisse*, que cahiu em seu poder apõs renbidissimo combate em que os turcos soffreram grande derrota. Em 25 de outubro cercaram *Adrianopla*, que assaltaram pelo sul, ponto mais vulneravel, dirigindo os ataques especialmente sobre a fortaleza de *Marach*.

Adrianopla (turco *Edirne*, antigo *Uskudama* ou *Orestia*) é a capital do *vilayet* do mesmo nome; está situada nas margens do *Maritsa* e do

Tundjá. É um centro importante de commercio; tem industrias de seda, perfumarias e textis; nas suas proximidades produz-se excellente vinho. Seus principaes edificios são a bella mesquita construida pelo sultão Semlim II, a ponte Miguel, do tempo dos imperadores byzantinos, e um grande bazar. O seu nome data do segundo seculo, quando o imperador Adriano alargou e embellezou a cidade, que foi a capital do imperio ottomano até 1453, data da tomada de Constantinopla. Foi occupada em 1829 pelos russos, sendo ali assignado o tratado de Adrianopla em setembro do mesmo anno, no qual se concluiu a guerra entre a Russia e a Turquia. Tem 81.000 habitantes.

A cidade está bem defendida, mas crê-se que não poderá resistir muito tempo ao intruso cerco dos bulgaros, os quaes, sob o commando do generalissimo Savoff, o Moltke da Bulgaria, (assim o cognominaram já) se preparam entretanto para a conquista de Constantinopla, ultima etapa d'essa marcha triumphal em que o povo slavo assignala sua superioridade sobre os seus tyrannos, prestes a voltarem para a Asia.

As operações dos bulgaros seguiram uma marcha rapida. Assim, ao passo que uma das suas columnas occupava, sem combate, a posição de Baba Eski, a ala esquerda do general Dimitrief chegava a Bunar Hissar. Pela amplitude d'este movimento, que tendia, ao mesmo tempo, ao isolamento da fortaleza da Thracia, á ruptura das communicações com a Macedonia e a um encontro com a massa turca, combinado com uma marcha envolvente d'outra columna bulgara para leste, concluia-se logo que o objectivo do plano bulgaro nos seus esforços reunidos, tendia á destruição total do exercito ottomano da Thracia. Este reuniu-se na enorme planicie que, partindo da cordilheira *Istrandja*, se estende até *Lule Burgas*. Eram cerca de 200.000 turcos contra 150.000 bulgaros, iniciando-se o combate em 29 de outubro, com manifesta desvantagem para os ottomanos que, depois de um arranço energico, acabaram por ceder; faltando-lhes o apoio, em breve a retirada se converteu em derrota.

O grosso do exercito, apertado pela marcha duplamente envolvente dos bulgaros, recuou sobre Sarai e Tchortu, deixando em poder dos inimigos grande quantidade de armas e munições e muitos milhares de prisioneiros.

Esta batalha, que durou tres dias, fica memoravel na historia, porque representa, sem duvida, o triumpho da *Cruz* sobre o *Crescente islamico*, que acaba de sofrer uma extraordinaria derrota, jámais prevista em todo o mundo.

Os turcos procuram reconstituir-se e resistir nas formidaveis linhas de Tchataldja, que se estendem do *Mar de Marmara* a *Derkos*, linhas em cuja defeza *Naçim pachá*, o generalissimo turco, é comparado a Wellington, nas celebres linhas de Torres Vedras.

O ex sultão Abdul-Hamid, que estava prisioneiro em Salonica, foi transportado já para Constantinopla, num vapor allemão, expressamente cedido para esse fim, em vista da sua negativa formal em ser conduzido em navio turco!

O sultão vermelho não sabe onde irá acabar os seus dias, receando cair nas mãos dos seus ex-subditos, que agora soffrem as consequências das infamias, das perseguições, dos vexames e atrocidades praticados por ordem d'aquelle despota.

Vejamos qual a attitude da Europa em face de tão imprevistos acontecimentos e como ella encara o resultado final, a partilha da Turquia.

A Europa manifesta-se surprehendida e maravilhada com a victoria dos povos balkanicos — gregos, montenegrinos, servios e bulgaros, que, num esforço heroico, assombroso, esmagaram a Turquia, a escravizadora de seculos. As grandes potencias esperavam a victoria turca, assim como em 1904 aguardavam ufanos a derrota do Japão. Em Vienna, muito especialmente a imprensa, dava como certo o desastre dos pequenos estados balkanicos. Em Inglaterra, a imprensa conservadora predizia a victoria da Turquia, defendendo a todo o custo o principio da integridade territorial do imperio. Agora, porém, o *susido Times* já diz que o que os pequenos estados fizeram não pôde ser inteiramente destruido. Os allemães, por seu lado, dizem que aos pequenos estados balkanicos cabe agora a palavra na liquidação oriental. O futuro dos balkans — di lo Berliner Neueste Nachrichten — pertence aos povos balkanicos. A Alemanha não teria razão para se oppôr. Se a Austria quizer intervir, que o faça sob a sua responsabilidade; nós não nos sacrificaremos por ella.

Se a Austria tentasse impedir o alargamento dos estados balkanicos, impondo o *statu quo*, veriamos a Russia a defender e incitar um grande movimento slavo, e então, pelo jogo das alian-

ças, a Alemanha seria obrigada a collocar-se ao lado da Austria, e a França ao lado da Russia. Seria a guerra geral, que todos temem, e com razão.

Só ha um meio, que é a repetição da doutrina do americano Monroe: — os Balkans para os povos balkanicos. No caso da Austria, que ainda não declarou as suas intenções, insistir no seu antigo plano de abrir caminho para Salonica pelo Sandjack de Novi-Bazar, annexando, sem desembainhar a espada, novos territorios agora conquistados pelos gregos, bulgaros e servios, estes ficarão sendo os seus inimigos de amanhã, e com elles terá que contar, cada vez mais fortes e aguerridos.

Estas nacionalidades, que tanto soffreram, e se levantaram por seu proprio esforço; que venceram todos os obstaculos para a sua libertação e independencia; que se organizaram pacientemente, desenvolvendo um esforço enorme e que, finalmente se consideram vencedoras, teem direito ao solo em que os turcos campeiam ha cinco seculos.

A guerra está ainda longe do seu termo, talvez; mas as potencias aguardam já cubiosas os despojos do vencido. O problema complica-se desde que se não faça a justiça reclamada pelos heroicos vencedores, unico caminho de conciliação. A attitude da Austria pôde levar á conflagração europea, que o reputado professor de historia *Albert Malet* — largamente conhecido em Portugal, pelos seus preciosos compendios de historia — julga muito proxima, insinuando, numa carta recente, publicada no *Rappel*, de Paris, que o dever da imprensa é preparar a opinião publica para esse grande acontecimento. Malet, que viveu muito tempo na Servia, afirma que este povo não renunciará nunca á mais pequena parcella de territorio que haja conquistado ao turco; que a Austria, segundo todas as probabilidades, preferirá pegar em armas a consentir que lhe fechem o caminho de Salonica, e que, pelo jogo das alianças, surgirá a questão europea, entregue ao arbitrio das armas; a não ser que a Europa, unanimemente, impeça a intervenção austriaca.

O sr. Poincaré, no seu discurso de Nantes, considera a situação europea muito grave, como nunca o foi nestes ultimos trinta annos, declarando que a França foi a unica nação que abertamente trabalhou a favor da paz.

A complexidade dos problemas europeos, que constantemente surgem, torna com effeito necessario o concerto geral, caso se pretenda que a inevitavel contradicção de interesses não degenerem, mais dia menos dia, num gravissimo conflicto. Nós estamos firmemente ligados á Russia, nossa alliada, e á Inglaterra, nossa amiga. Prendem nos laços indestructiveis, que se manterão nas graves questões suscitadas pela guerra dos Balkans. A nossa alliada e a nossa amiga já fixaram, bem como nós, as suas preferencias; e, como nós procederemos a esse exame com inteira confiança, nada poderá quebrar uma entente cuja solidez é necessaria para o equilibrio europeu. Vemos nessa intimidade uma das melhores razões para crer que a guerra actual ficará confinada nos Balkans.

O grande estadista francês remata assim o seu duvidoso discurso: — Os acontecimentos que acabam de dar-se provam bem que a todo o momento pôde a tranquillidade do mundo correr o risco de ser perturbada pela explosão de forças incompreheensiveis.

Não depende de nós o conservar a paz aos outros. Para a manter para nós mesmos, é preciso que nos revistamos de toda a paciencia e de toda a energia d'um povo que não quer a guerra e que, todavia, não a receia.

Em Inglaterra, proferia Winston Churchill, quasi ao mesmo tempo, um discurso tambem grave, afirmando que todas as potencias teem responsabilidades nesta questão. Nenhuma nação poderia repudiar a sua parte, censurando as outras potencias ou a Turquia.

«Estamos — disse elle — em presença de acontecimentos taes que se a Europa se sentisse verdadeiramente penetrada de odios e de ambições, como pretendem ás vezes certos pessimistas, a conflagração geral, ha tanto tempo prevista, ter-se-hia dado.

E continuou: — A fermentação que existia nos Balkans degenerou numa explosão espontanea, cuja violencia arrasta tudo na sua frente. Onde está o homem que em face de semelhante manifestação teria a audacia de vir sustentar que a força não constitue nunca um remedio? Onde está o homem tão destituído de bom senso e de franqueza que declare que a virtude não desempenha um papel essencial na honra e na vida dos

povos? Onde está o homem tão frivolo e tão parvo que supponha que os antagonistas podem sempre ser guiados e harmonizados pelas convenções pacificas e faceis, mas superficiaes, dos diplomatas?

A Inglaterra — rematou elle — pôde encarar o futuro sem temor secreto, mas importa-lhe que esteja preparada. A Grã-Bretanha deve estar prompta para fazer face a qualquer eventualidade.

E' bom desejar a paz; mas isso não basta: — é preciso ser forte: e necessario que cada um conte consigo mesmo!

Eis o conselho da pratica e ponderada Inglaterra, a patria do famoso Salisbury.

Tambem na Italia se tem falado muito da partilha balkanica, o que não admira, attendendo á sua ligação com a Austria e ás suas pretensões na Albania, cuja annexação por parte dos Estados balkanicos não parece admissivel por aquellas duas potencias. Este assumpto devia ser tratado na recente entrevista de San Rossore, entre o conde de Berchtold, ministro dos estrangeiros da Austria, e o rei da Italia.

Na recente visita a Berlim do marquez de San Giuliano, ministro dos negocios estrangeiros de Italia, foi assegurada a influencia da *Triple-Alliança* para que se mantenha a integridade territorial da Albania, objecto das ambições dos seus vizinhos. A Austria-Hungria appor-se-ha a que a Servia obtenha sahida para o Adriatico, o que, a dar-se, seria abrir á influencia russa uma porta sobre um mar fechado austro-italiano.

O governo ottomano, vendo-se completamente perdido e incapaz de sustar a marcha rapida dos exercitos colligados, quasi ás portas de Constantinopla, tentou um recurso, que a ser accete, poderia dar-lhe tempo a que refizesse as suas forças para carregar sobre o inimigo.

Trata-se d'um pedido de mediação, apresentado pelo ministro dos estrangeiros Gabriel effendi Noradounghian ao sr. Poincaré, presidente do conselho e ministro dos estrangeiros da França, e concebido nos seguintes termos:

1.º Que as potencias offereçam e, se preciso fór, imponham um armistício aos belligerantes;

2.º Que ellas aproveitem esse armistício para convidar os belligerantes a manifestarem os seus modos de vêr e a pô-los de accordo, se fór necessario.

A Porta, reconhecendo os esforços da França para a manutenção da paz nos Balkans, invocou ao mesmo tempo o apoio do governo francês para que se impeça o desmembramento do imperio, apresentando como base as quatro considerações seguintes:

1.º O artigo 5.º do tratado de 25 de junho de 1802, entre a França e a Turquia, depois da paz de Amiens, diz que a Republica e a Sublime Porta teem de se garantir mutuamente a integridade de suas possessões.

2.º O artigo 7.º do tratado de Paris, de 1856, estabelece que a integridade do territorio ottomano deve ser respeitada e que as potencias signatarias considerarão todo o acto que tenha esse fim como uma questão de interesse geral.

Além d'isso, este artigo foi confirmado pelo tratado de Berlim de 1878.

3.º O tratado de aliança, pouco conhecido, feito em 15 de abril de 1856, entre a França, a Inglaterra e a Austria, preceitua que as potencias garantem conjunta e separadamente a integridade do imperio ottomano. Toda a infracção contra esse tratado, será considerada pelos signatarios como um «casus belli» e implicará a intervenção das suas forças militares e navaes.

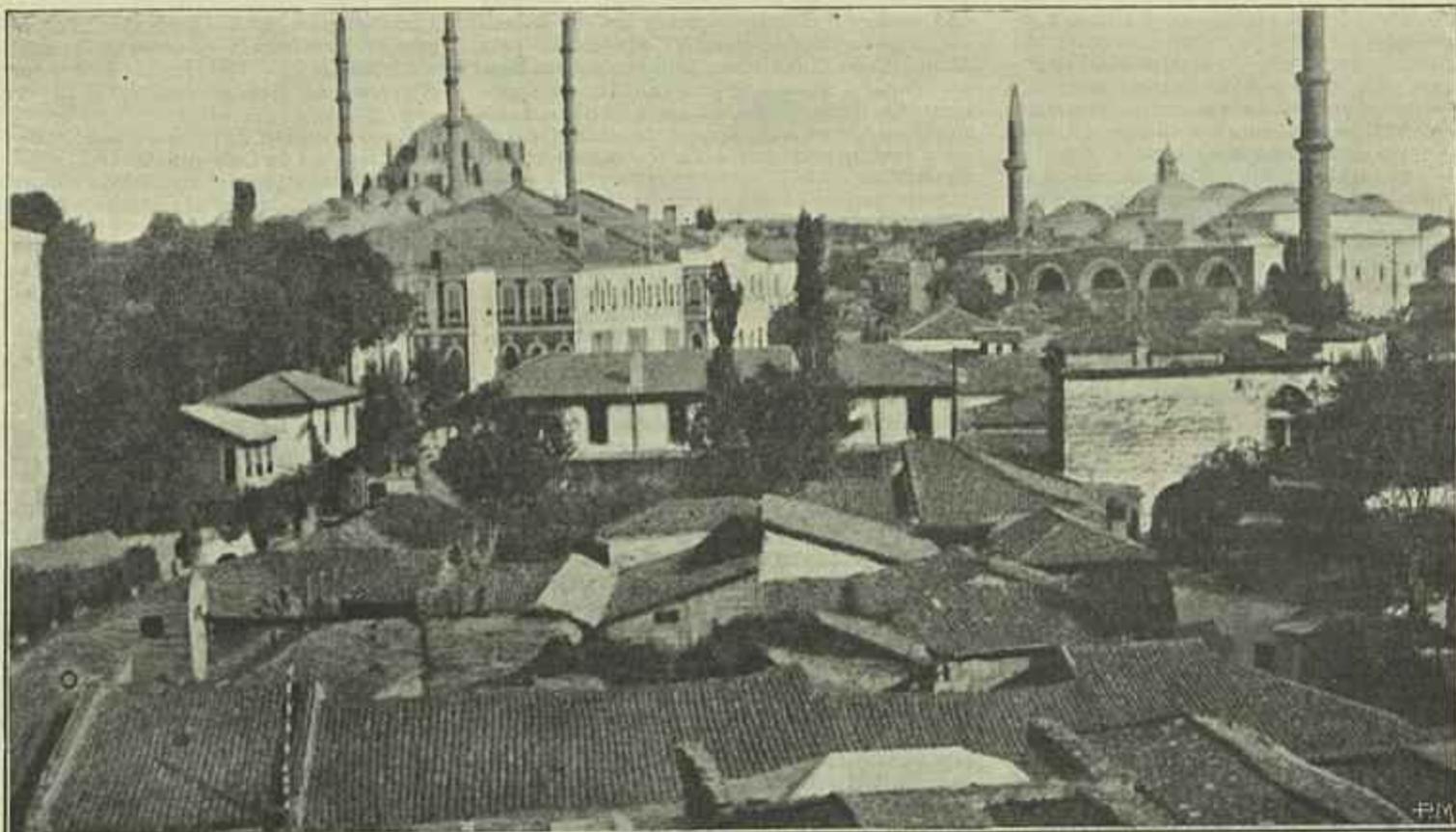
4.º Antes da abertura das actuaes hostilidades, não sómente a França não manifestou a intenção de denunciar estes tratados sempre em vigor, mas, de accordo com toda a Europa, formalmente declarou que modificação alguma seria introduzida no «statu quo» territorial dos Balkans.

A Turquia, que repelliu a nota das potencias insistindo pela realização immediata das reformas da Macedonia e que não se dignou responder ao *ultimatum* dos Estados balkanicos, pede agora á França que empregue junto das potencias os seus bons officios a favor d'uma intervenção rapida, exactamente quando mais assignaladas são as victorias do inimigo.

O sr. Poincaré tentou conciliar esta melindrosa questão, defendendo o principio do *desinteresse territorial*, logo acceteo tambem pelo governo inglês. A Austria-Hungria, porém, emmudeceu, porque deseja tratar directamente com a Servia; mas esta lembra-se que, quando se fez a annexação da Bosnia, o governo de Vienna não quiz entendimentos com o de Bergrado.

Se a Austria não quer novos territorios (o conde de Aerenthal disse que ella estava saturada) porque não acceteo a formula de Poincaré? E'

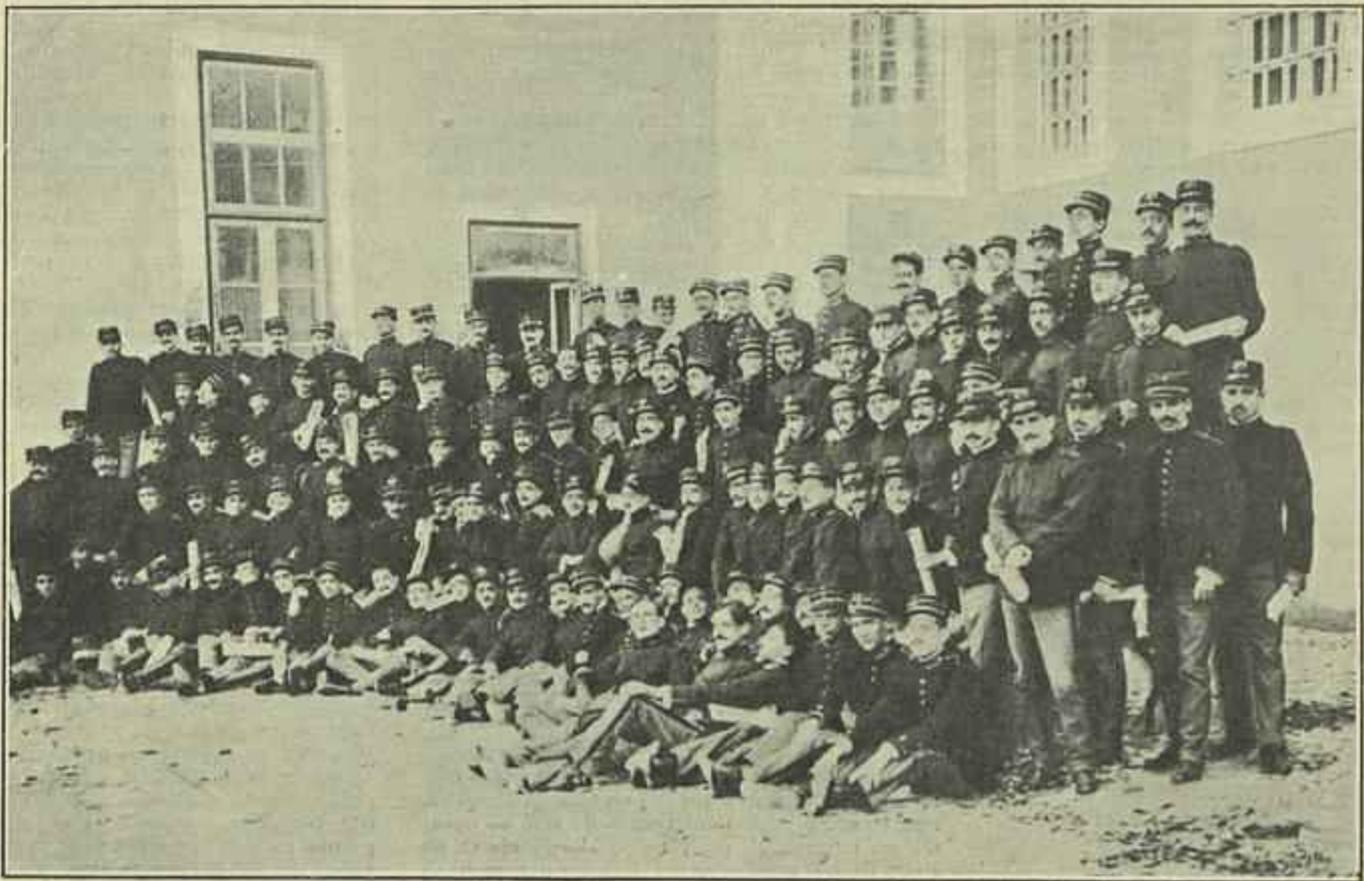
A GUERRA DOS BALKANS



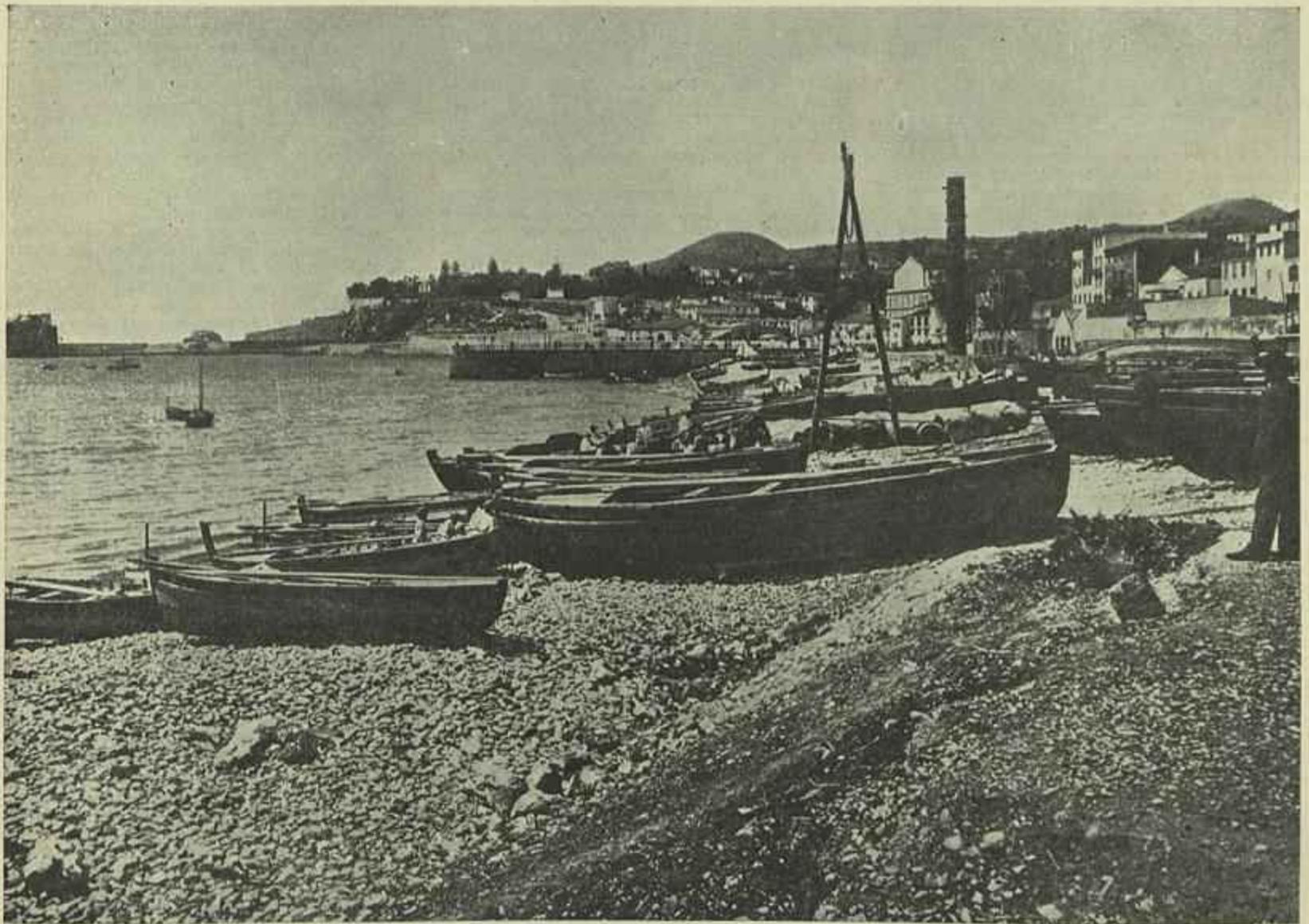
UMA VISTA DE ADRIANOPLA TOMADA PELOS EXERCITOS ALIADOS.



BULGARIA — PARTIDA DE UM CONBOIO DE RESERVISTAS DO EXERCITO BULGARO



ESCOLA DE GUERRA — GRUPO DOS ALUNOS QUE CONCLUÍRAM O CURSO ESTE ANO
(Cliché Benoliel)



ILHA DA MADEIRA — UMA VISTA DA CIDADE E PORTO DO FUNCHAL
(Cliché da «Mala da Europa»)

que não lhe convem de modo nenhum a constituição d'um poderoso agrupamento slavo nos Balkans. Se os aliados, que formam uma confederação armada de 600:000 baionetas, tiverem de soffrer uma pressão austro-hungara, acharão, para lhe resistir, o concurso diplomatico da *Triple-Entente*.

A este proposito convem registar o que diz o moderado *Temps*:— Não é no momento em que os povos dos Balkans, constantemente animados pelas sympathias russas, francezas e inglesas, affirmam brilhantemente o seu vigor nacional que as potencias da *Triple-Entente* poderiam abandonar-lhes passivamente a exigencias excessivas... Se uma ou mais potencias tentassem humilhar os estados balkanicos, ellas não achariam na sua frente apenas a resistencia d'esses estados...

Vé se d'este modo que os receios de Malet não deixam de ter alguma base.

Accrescente-se a toda esta agitação, a polemica travada entre a imprensa franceza e a allemã, a proposito da superioridade dos respectivos armamentos, postos á prova na guerra dos Balkans, sendo o armamento turco de fabricação allemã, ao passo que os dos estados colligados, exceptuando o grego, de fabrico italiano, é de proveniencia franceza.

Um jornal allemão intimou o marechal Von der Goltz, o organizador do exercito turco, a explicar os motivos da derrota ottomana, que de modo nenhum pode attribuir-se á pretendida inferioridade do material de guerra.

Lisboa, 7-11-912.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.

Escola de Guerra

Os alunos que concluíram o curso

No dia 31 de outubro findo, receberam as suas cartas de curso da Escola de Guerra, 142 alunos sendo 12 de engenharia militar; 1 de engenharia civil; 21 de artilharia; 13 de cavalaria; 60 de infantaria; e 35 de administração militar.

Desde que a guerra se constituiu numa sciencia e o estabelecimento dos exercitos permanentes um modo de vida, as nações tiveram de se tributar quotidianamente para sustentarem os defensores da sua patria, que lhes absorve uma boa e melhor parte dos seus braços, para que os restantes possam trabalhar e produzir em paz.

Desde então o ser-se guerreiro deixou de ser um incidente na vida do homem e, pela mais inversa das coisas do mundo, á medida que a civilização avança, devendo esse avanço ser todo de paz pelo triunfo da razão sobre a força, a guerra torna-se o estado normal, visto que para assegurar a paz, são precisos os exercitos permanentes, cada vez mais numerosos, cada vez melhor armados!

E a civilização caminha, caminha, e por cada beneficio que ela conquista para a humanidade, logo cria e opõe com que destruir esse beneficio, provando-se deste modo que tudo progredirá no mundo menos o verdadeiro amor da humanidade, a solidariedade humana, pela simples razão do homem, em geral, não poder ser superior á fera que vive dentro d'elle.

Preparam-se homens para a guerra como se preparam homens para a medicina. As escolas militares instruem sobre a melhor forma de caçar homens; as escolas medicas ensinam a curar-lhes as enfermidades. Nos laboratorios de fisica e de quimica, tanto se estuda e cogita nos meios de melhorar a vida como no modo de a destruir. Neste campo a luta oferece contrastes singulares; a Sciencia esforça-se e reciprocamente se combate, por quanto ao passo que inventa novas maquinas de guerra, de seguros efeitos destruidores, logo lhe opõem outras que inutilisem a acção daquelas, e neste porfir não é conhecida ainda a ultima palavra.

Mas a Sciencia triunfa por fim; neutralisa todos os artificios da guerra desde as colossaes catapultas das guerras punicas até ás kropatcheks dos nossos dias. A guerra parecerá impossivel, mas a fera humana não se dá por vencida; dispensa as armas e bate-se corpo a corpo como ainda ha bem pouco aconteceu nas fronteiras de Portugal, como neste momento se está praticando nos Balkans!

A força não conhece a razão, o direito é do mais forte!...

E assim, por esse mundo, as escolas de guerra

preparam mancebos para semear a morte, como as escolas de agricultura preparam mancebos para semear o pão.

A guerra é uma necessidade cada vez mais exigente, e a civilização caminha, caminha... hipocritamente apregoando a paz!...

Esses cento e quarenta e dois mancebos que a Escola de Guerra agora aprestou para conduzir homens á victoria ou á morte, tem uma das mais graves missões a cumprir, sobre que pesam as maiores responsabilidades.

A sciencia a que se dedicaram é muito complexa, para que não bastam as theorias dos compendios; no campo experimental ella, infelizmente, em cada dia caminha, e aqueles que se lhes dedicam tem que a estudar sempre para não serem colhidos de surpresa.

E' um modo de vida o ser-se militar, aceitemos que o seja, mas aqueles que o professam, não olvidem nunca o espinhoso da sua missão cumprindo briosa e honradamente os deveres que ella lhes impõe.

Assim serão filhos dignos desta patria de heroes que eles se propuzeram defender e que neles confia que a defendam.

C. A.

Cidade e porto do Funchal

Um facto de importancia interessa neste momento a cidade do Funchal, na ilha da Madeira, esse formoso jardim emergindo do seio do oceano, na latitude N. de 32° e 38', longitude O. de Paris de 19° e 16' e 7° 48' á SO. do meridiano de Lisboa.

Quando não lhe bastasse as belezas naturaes e riquezas do seu solo fertilissimo, onde o seu clima temperado permite as mais variadas culturas, a sua situação geografica é de primeira ordem para a navegação entre o velho e o novo mundo.

Mais ou menos aproveitadas estas magnificas condições, vae agora a ilha da Madeira ter um novo motivo de prosperidade, em consequencia de uma nova carreira regular de vapores que uma companhia estrangeira, — que pena é não ser nacional, — vae estabelecer entre Lisboa, Funchal, Porto Santo, Açores e America do Norte, em viagens circulatorias á ida e á volta, tocando tanto em varios portos daquela America como nos Açores.

A companhia que se propõe fazer estas carreiras já apresentou ao sr. ministro da marinha o seu programa, entrando no concurso que foi aberto para esse fim.

Os vapores serão da lotação maxima de 7:500 toneladas, havendo outros de 3:500 e de 2:500.

Estes vapores deverão ser tanto para condução de passageiros com todas as comodidades, como para carga.

No arquipelago haverá sempre um vapor pequeno para passageiros entre as diferentes ilhas.

E' este grande melhoramento que está em via de se realizar, com que muito se beneficiam as nossas ilhas e a comunicação regular e rapida com a America do Norte.

Viagem á Silésia

Á Paulo Martins

(Concluido do numero 1217)

Um grande negociante hollandez, fornecedor do exercito prussiano na ultima guerra, retorquiu-lhe:

— Como pôde acoimar de maldita uma terra tão rica? O rei da Prussia andou muito bem conquistando a Silésia: é o mais bello florão da sua corôa. Preferia um pedaço de jardim a uma milha quadrada da Marche arenosa de Brandeburgo.

Assim discutindo, chegámos a Breslau, onde nos apeámos, hospedando-nos n'um excellente albergue. Emquanto se esperava pelo jantar, falou-se do dono do pobre castello. O ministro saxão affirmou que era um scelerado que commandava artilharia prussiana quando do assalto de Dresde; que esmagou, com bombas envenenadas, essa desgraçada cidade, onde havia ainda

ruinas e que adquirira essas terras com as contribuições que levantára em Saxe.

— Engana-se — replicou o barão. — Adquiriu-as pelo seu casamento com uma condessa austriaca, que se rebaixou casando com elle. Essa mulher é digna de lastima: nenhum filho seu pôde entrar nos capitulos nobres da Allemanha, porque o pae não passa de um official de fortuna.

— O que o senhor diz — atalhou o hussar prussiano — dá-lhe honras e d'ellas seria cumulado hoje na Prussia, se não desertasse do serviço do rei. E' um official que não pôde mostrar-se.

O homem que lhes servia o jantar ousou falar, dizendo:

— Bem se vê, senhores, que não conhecem a pessoa de quem falam: é um homem estimado e considerado por toda a gente; nos seus dominios não existe um unico pobre. Apezar de catholico, soccorre os pobres peregrinos, sejam de que religião forem. Se são saxões, alberga-os e dá-lhes de comer durante tres dias, como recompensa do mal que os obrigou a soffrer durante a guerra. E' adorado pela mulher e pelos filhos.

— Pois fique sabendo — retorquiu ao hospedeiro o sacerdote lutherano — que não ha caridade nem virtude n'essa communhão. Todos os seus actos são pura hypocrisia, como as virtudes nos pagãos e nos papistas.

Havia entre nós muitos catholicos que iam levantar sério conflicto, quando o hospedeiro — seguindo o uso da Allemanha — tomou o seu lugar na cabeceira da mesa e fez servir o jantar. Então tudo se remetteu a um profundo silencio e todos se puzeram a comer e a beber como viajantes. Todos se regalaram. A' sobremesa vieram peccos, melões e uvas. O hospedeiro disse á mulher que trouxesse — emquanto se fazia o café — algumas garrafas de Champagne que queria dar e beber em honra de tão conspicua assistencia e do dono do castello a quem devia finezas particulares. Chegaram as garrafas e collocou-as junto da senhora franceza, pedindo-lhe fizesse as honras. A alegria transpareceu então em todos os semblantes e a conversa tornou-se animada e communicativa. A minha compatriota encheu a primeira taça que entregou ao hospedeiro, dizendo que fóra melhor tractada alli do que nas melhores hospedarias de Paris e que não conhecia francez algum que o ultrapassasse em galanteria.

O official russo concordou em que havia mais fructos em Breslau do que em Moscou; comprou a Silésia á Livonia pela fertilidade, e acrescentou que a liberdade dos camponeses tornava um paiz melhor cultivado, e o senhor mais feliz. O astrónomo observou que Moscou estava pouco mais ou menos na mesma latitude de Breslau e, consequentemente, susceptível de mesmas produções. O official hussar disse:

— De facto, vejo que o dono do castello e das terras que pisamos fez muito bem em deixar o serviço. Quanto ao nosso grande Frederico, depois de haver saído glorioso da guerra, passa a mór parte do tempo a cuidar e a cultivar o jardim e os melões de Sans-Souci. Todos concordaram com a opinião do hussar. O proprio ministro saxão pôz-se a dizer que a Silésia era uma excellente provincia, e que era pena estivesse em arrhas; que não punha duvida, porém, em que — apenas a liberdade de consciencia se estabelecesse nos estados do rei da Prussia — todos os habitantes, e principalmente o dono do castello, não se rendessem á verdade e abraçassem a confissão de Angsburgo porque — acrescentou — «Deus nunca deixa sem recompensa uma boa acção e boa acção é, que se não pôde louvar muito n'um militar que fez mal aos habitantes do meu paiz durante a guerra, fazer-lhes bem em tempo de paz.»

O hoteleiro propôs então que se bebesse á saude d'esse valente cavalheiro, o que foi feito entre as aclamações de toda a assistencia.

Houve apenas um hospede que não quiz juntar-se a esse numero: foi o moço-rabino que jantava solitario e triste as suas provisões, a um canto da casa, consoante o costume dos judeus em viagem; levantou-se e veiu apresentar o seu grande copo de cabedal á senhora que lh'o encheu até cima. Esvasiou-o de um trago; em seguida, a d'ella perguntou-lhe:

— Então que lhe parece, doutor? A terra que produz tão bom vinho não vale bem a terra prometida?

— Sem duvida, minha senhora — respondeu com ar risinho — e principalmente quando esse vinho é deitado por tão bonitas mãos.

— Desejo — lhe disse ella — que o seu Messias nasça em França, afirm de que elle chame ahi as tribus de todo o mundo.

— Praza a Deus! tornou o israelita — Antes, porém, era preciso que fizesse a conquista da Eu-

ropa, em que vivemos quasi miseraveis. Seria preciso que fosse um novo Cyro, que forçasse os diferentes povos a que vissem pacificamente entre si e o genero humano.

— Deus o ouça! — exclamou a mór-parte dos convivas.

Admirei a diversidade de opiniões de tantas pessoas que discutiam antes de se sentarem á mesa e que se puzeram de accordo á saída. D'aqui infiro que o homem era máu na adversidade, pois não é nada bom estar-se em jejum; e não era bom na felicidade porque — bem jantado — está bem com toda a gente, como o selvagem de João-Jacques.

Ainda tirei d'aqui uma outra conclusão mais importante: é que todas estas opiniões — que tinham na sua mór-parte abalado a minha, pouco a pouco — vinham unicamente das educações diversas dos meus companheiros de viagem; e não punha duvida em que todos tornassem á primitiva opinião quando estivessem a sangue-frio.

Desejando fixar o meu juizo sobre o assumpto da conversa, dirigi á palavra a um visinho que não tinha dito palavra e que me pareceu d'um temperamento calmo:

— Qual é a sua opinião acerca da Silésia e do castellão?

— A Silésia — respondeu — é um excellente paiz, porque produz fructos em abundancia; e o proprietario do castello um bello homem, porque faz bem a todos os desgraçados. Quanto ao modo de julgá-lo, isso é consoante cada individuo, a sua crença, o seu paiz, o seu estado, o seu temperamento, o seu sexo, a idade, a epocha do anno, a propria hora do dia e principalmente consoante a educação, que dá a primeira e a ultima tintura aos nossos juizos; mas, quando se tracta da felicidade de todo o genero humano, é certo julgar-se como a Deus opera. E' pela razão geral do universo que devemos pautar as nossas razões particulares, como regulamos pelo sol os nossos religioes.

Após esta palestra, tentei ajuizar de tudo como este philosopho; achei mesmo que acontecia com o nosso globo e com os seus habitantes como da Silésia: cada um tem a sua opinião conforme a sua educação.

Os astrónomos só vêem um globo feito de queijo hollandex, que anda em torno do sol, com alguns newtorianos; os militares, campos de batalha e gradações; os nobres, terras senhoriaes e vassallos; os padres, commungantes e excommungados; os mercadores, ramos de commercio e minas de dinheiro; os pintores, paysagens; os epicuristas, paraísos terrestres. O philosopho, porém, considera-o pelas suas relações com as necessidades dos homens e os proprios homens pelas que ha entre si.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.



Confrontos Historicos

Bosquejo

(Continuado do n.º 1217)

Outra maior calamidade veio tornar mais afflitiva a situação e foi a visita da colera morbus que fazia seu passeio pela Europa. Este flagelo tanto devastava os liberaes na cidade, como os miguelistas nos seus acampamentos, onde a fome tambem se fazia sentir, provocando as deserções das suas fileiras.

Felizmente esta apertadissima situação melhorou logo que a barra se desimpediu, entrando os abastecimentos de que a cidade carecia, assim como novo reforço de soldados estrangeiros para as fileiras liberaes, não obstante o fogo que sobre eles faziam as baterias inimigas.

O entusiasmo dos liberaes pela causa por que se batiam, era, por ventura, superior a todas as contrariedades que os assaltavam, e assim os efeitos da colera não foram tão desastrosos como fatalmente o seriam se a população da cidade não andasse mais pro-

cupada com a luta em que estava envolvida, do que com a importuna visita do terrivel flagelo.

Nesta disposição os liberaes não se deixaram vencer pelas dificuldades e antes proseguiram com maior energia na defeza da Liberdade, começando em 9 de abril pelo ataque ao Covelo que tomaram, sendo inuteis os esforços que os miguelistas fizeram para retomarem aquella posição.

Assim foi o exercito liberal alargando o campo das suas operações, emquanto D. Miguel andava por Coimbra, por Braga, etc., mostrando-se áquelles povos e recebendo as aclamações que lhe faziam, julgando-se, acaso, muito seguro da sua popularidade e da força das suas armas. Mas os excessos do seu governo tiranico não tinham limite e quando D. Miguel, enfim, se resolveu apresentar ás forças que atacavam a heroica cidade, com ele vinha uma alçada para sentenciar os liberaes que lhes cabissem nas mãos.

Não logrou, porém, transpôr as fortificações do exercito de D. Pedro, a despeito de todos os esforços que para isso fez, e seguiu para Vizeu onde foi dar largas ás vinganças que sobre os liberaes se exerciam, sentenciando e executando quantos esta alçada pôde alcançar.

Um contratempo veio, nesta altura, ameaçar a situação dos liberaes no Porto e foi a marinagem da esquadilha de Sertorius, insubordinar-se, por falta de pagamento.

Os serviços que esta esquadilha prestava na costa norte, afugentando as forças da marinha miguelista, eram indispensaveis para a defeza maritima do Porto, e evitar o bloqueio que reduziria a cidade á fome, obrigando a, acaso, a render-se.

Haviam-se quasi esgotado os recursos monetarios e Sertorius, como bom inglês, não tinha bastante energia para exigir obediencia á sua gente uma vez que se lhes não pagava. Essa gente era quasi toda contratada sob certas condições, sendo a principal o pagarem-lhe os seus serviços, mas não havendo dinheiro como se havia de cumprir esta parte do contrato?

Nestas afflitivas circumstancias, o governo do Porto, ou melhor, de D. Pedro, recorreu ao barão de Quintela, enviando daquela cidade um proprio de toda a confiança e que se arriscou a vir disfarçado a Lisboa, com uma missiva em que se expunham as circumstancias em que se encontrava o governo liberal, pedindo a Quintela o emprestimo de avultada quantia (1) para ocorrer ás despesas da sua armada e do seu exercito que, tambem não se encontrava melhor.

(1) Nas *Memorias de um soldado*, que já vimos mas que não temos presente e que é folheto raro, lembra-nos ter lido que essa quantia foi de uns trezentos mil cruzados. As citadas *Memorias* parece-me que foram escritas pelo proprio que veio a Lisboa.

Satisfez prontamente este pedido o barão de Quintela, que depois foi conde de Farrobo, e bem se pôde dizer que ele salvou a situação.

Sertorius, desprestigiado perante os seus marinheiros, que não podera subordinar, teve de deixar o comando da esquadilha liberal, sendo esse comando confiado a Carlos Napier, official da marinha inglesa, que passou ao serviço da causa liberal com o nome de Carlos Ponsa, para não comprometer a neutralidade que o governo de Inglaterra mantinha nesta contenda entre os dois partidos em guerra. Questão de formalidade muito inglesa, mas nem por isso menos correta, salvaguardando de algum modo as conveniencias internacionaes.

Salva a situação, como iamoz dizendo, podendo o governo do Porto dispôr da sua esquadilha, tratou de organizar uma expedição militar que viesse até ao sul.

Assim arranhou uns dois mil e quinhentos homens sob o comando do duque da Terceira que, embarcados no Porto, na esquadra de Carlos Ponsa, em 21 de junho, vieram até ao Algarve desembarcar, no dia 24, na praia entre Caela e Monte-Gordo.

(Continúa.)

GAETANO ALBERTO.



PELOS TEATROS

Sem duvida, que o facto mais notavel a assinalar numa crónica desta natureza é a Reforma do Teatro Nacional de ha muito esperada e que se impunha com o fim de opôr um dique á progressiva decadencia da arte dramática em Portugal.

E' certo que não é uma reforma que vae criar os génios que não temos; mas pode, todavia, preparando um meio apropriado, contribuir para o seu desenvolvimento, já alargando a esfera de acção, já fazendo interessar todos os que possuem as aptidões necessárias e que andam afastados por falta de confiança e de acolhimento e mesmo por vèrem o nenhum resultado dos seus esforços ou das suas dedicações.

O nosso primeiro teatro que usava o cognome de *normal* encontrava-se num estado de decaimento que era devido naturalmente á sua organização mais do que á pouca cultura do publico, como diziam.

Os grandes actores que lá se encontravam abandonaram o teatro. O publico abandonou-o tambem.

Só lá voltou quando lhe ofereceram baixas comedias e peças *policières*.



LISBOA MODERNA — «GARAGE» PERTENCENTE AO PALACIO DO SR. MARQUÊS DE VALE FLÔR A SANTO AMARO

Pouco antes tinham-lhe adicionado ao título de Nacional o nome de Almeida Garrett. Período transitório foi esse que bem se podia ter evitado, — para que na sua história não ficasse essa página negra — e ao qual por termo a presente reforma.

Os resultados que dela advirão não se podem prever facilmente e, assim, só o tempo nos poderá elucidar sobre o assunto.

Pode dizer-se já que ela não foi bem acolhida da parte de algumas classes que no assunto têm interesses.

Aos actores concede a apresentação em determinadas condições e coloca os à disposição do governo.

É preciso notar-se que dada a nossa escassez de gente de teatro não são para estranhar certas disposições um tanto coercivas da Lei. O processo nem sempre é viável.

A primeira coisa a considerar é que se torna indispensável para o desenvolvimento da dramaturgia nacional e da Arte que haja uma casa de espectáculos que não esteja sujeita às predilecções e aos interesses de um empresário.

Entrega-se, pois, a direcção do teatro a um grupo de sociários, isto é, de actores formando um quadro e ligados por responsabilidade mútua, os quaes estão sujeitos às disposições invariáveis da Lei.

Para a superior administração têm um conselho de gerência cujos cargos são ocupados por sociários excepto o de presidente que é nomeado pelo Conselho Teatral e que deve ser homem de letras de reconhecido mérito.



LISBOA MODERNA

FACHADA PRINCIPAL DA «GARAGE» PERTENCENTE AO PALACIO DO SR. MARQUÊS DE VAL-FLÔR A ST.º AMARO

A votação para o primeiro biennio recaiu no dr. Augusto de Castro que neste importante cargo terá ocasião de mais uma vez mostrar o muito que vale.

É obrigatória a apresentação de quatro originaes portugueses cada ano e de peças do repertorio clássico.

Em resumo, mesmo que a reforma não venha a produzir os resultados esperados pelos seus habéis organisadores — o tempo o dirá — demonstra certamente a existencia de uma corrente favorável ao levantamento do teatro português, tarefa insana que demanda muita energia e dedicação.

Aguardemos pois que reabra o Nacional, sujeito ao novo regimen e façamos votos para que o publico coadjuve a obra iniciada e dê uma prova de bom gosto preferindo as cadeiras deste teatro ás de qualquer outro quando nêle se apresente um Max Linder qualquer, macaco

ro de construções, são aqueles edificios, modernamente edificados, os que se apresentam hoje mais luxuosos em Lisboa. Foi seu arquiteto o sr. Ferreira da Costa, que fez não só uma obra tão elegante quanto artistica, mas ainda perfectamente delineada em todas as suas dependencias proprias de um edificio destinado áquele fim.

O edificio tem oficinas para reparação de automoveis com as melhores acomodações para estes. Arrecadações de material, tendo pavimento superior com quartos para creados, casa de jantar, cosinha, etc., de modo a poder ali habitar todo o pessoal respectivo.

A construção é toda de alvenaria e os corpos lateraes de lioz. A cobertura do corpo central fórma um terraço. O vestibulo principal é de marmore polido.

Esta edificação foi feita pela *Construtora*, do Porto, de que são proprietarios os srs. Campos & Fonseca.

feito actor, que nem bom cómico é, e que teve a habilidade de prender a atenção dos lisboetas durante alguns dias... o que vem provar que a hora presente pertence aos que souberem tocar a campainha... e alcançar admiradores para a sua incipia.

A. N.



Lisboa Moderna

Cabe hoje nesta secção da nossa revista, uma referencia á bela *garage* e cocheiras, pertencentes ao palacio do sr. marquês de Vale-Flôr, a Santo Amaro.

Neste gene-

Atelier Photo-Chimi-Graphico

F. MARINHO & C.º

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte
BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis



A. COUTO

ALFAYATE

Premiado na Exposição de Paris de 1900

Telephone 1815



Novas installações d'este atelier que está montado com todos os requisitos modernos e sortido com as ULTIMAS novidades de PARIS e LONDRES. Trajes de rigor, forrados a seda, em casaca, sobrecasaca e smoking desde 30\$000 réis. Fatos dos melhores tecidos nacionaes desde 13\$500 réis e dos melhores tecidos inglezes desde 22\$000 réis. Ha sobretudoos feitos.

Rua do Loreto — Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º — LISBOA

Almanaque Ilustrado do «Occidente» PARA 1913

Está publicado e á venda em Lisboa e no Porto 100 réis,
nas outras terras 120 réis

CONTRA
A TOSSE

MARQUE PEITORAL
JAMES

Unico especifico contra tosses e bronchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. *Pedro Franco & C.º, Lisboa.*

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Produto alimenticio que se applica em euldas peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais efficaes por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA
Cada pacote de 250 grammas, 200 réis
Cada lata " " " " 240 " " "

A' venda em todas as pharmacias